

DINÂMICAS DE VARIAÇÃO NA LIBRAS: UM ESTUDO SOBRE IDIOLETOS, SOCIOLETOS E INOVAÇÃO LEXICAL

VARIATION DYNAMICS IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS): A STUDY ON IDIOLECTS, SOCIOLECTS, AND LEXICAL INNOVATION

Hannah Araújo Rosendo

Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil

Carla Beatriz Medeiros Klein

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Vanildo Alfaia Rodrigues

Faculdade Atual, Brasil

Mikael Sousa Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Alan David Sousa Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Charley Pereira Soares

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i4.611>

Acceto em: 13.04.2026

Resumo: Este artigo analisa as dinâmicas de variação na Língua Brasileira de Sinais (Libras), focalizando idioletos, socioletos e processos de inovação lexical, em articulação com identidade e práticas sociais. Fundamentado na Sociolinguística variacionista e em estudos sobre línguas de sinais, o trabalho discute como fatores históricos, educacionais e interacionais condicionam a heterogeneidade linguística. Argumenta-se que a variação, longe de constituir desvio, é princípio estruturante da língua, refletindo trajetórias de aquisição, redes de interação e pertença comunitária. Examina-se, ainda, a expansão lexical impulsionada por mudanças tecnológicas e culturais, evidenciando mecanismos como iconicidade, composição e empréstimos. Conclui-se que o reconhecimento da diversidade linguística na Libras é central para práticas educacionais inclusivas e para o fortalecimento da identidade surda.

Palavras-chave: Libras; variação linguística; idioletos; socioletos; inovação lexical; identidade surda.

Abstract: This article examines variation dynamics in Brazilian Sign Language (Libras), focusing on idiolects, sociolects, and lexical innovation processes, in relation to identity and social practices. Grounded in variationist sociolinguistics and sign language studies, it discusses how historical, educational, and interactional factors shape linguistic heterogeneity. Variation is framed not as deviation but as a



constitutive principle of language, reflecting acquisition trajectories, interactional networks, and community membership. The study also addresses lexical expansion driven by technological and cultural changes, highlighting mechanisms such as iconicity, compounding, and borrowing. It concludes that recognizing linguistic diversity in Libras is crucial for inclusive educational practices and for strengthening Deaf identity.

Keywords: Libras; linguistic variation; idiolects; sociolects; lexical innovation; Deaf identity.

1 Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida oficialmente no Brasil pela Lei nº 10.436/2002 e é uma língua natural de modalidade visual-espacial com estrutura gramatical própria e complexidade equivalente às línguas orais-auditivas. É importante entender que a Libras não é um sistema homogêneo e estático, mas sim uma língua viva, sujeita a processos contínuos de variação e mudança linguística, assim como acontece com qualquer outra língua natural (Labov, 2008). A perspectiva sociolinguística, ao enfatizar a heterogeneidade linguística como princípio constitutivo das línguas, oferece subsídios teóricos fundamentais para a análise das variações na Libras. Labov (2008) afirmam que a variação não é aleatória, mas sistemática e condicionada por fatores sociais, históricos e individuais. No caso das línguas de sinais, essa premissa assume contornos específicos porque os elementos linguísticos são articulados por meio de parâmetros visuais: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais (Quadros; Karnopp, 2004).

Nesse contexto, o estudo das dinâmicas da variação em Libras deve levar em conta diferentes níveis de análise. Entre eles estão os idioletos, os socioletos e os processos de inovação lexical. Os idioletos são as particularidades linguísticas de cada pessoa. Eles refletem a trajetória sociocultural da pessoa surda, suas experiências educacionais e sua inserção em diferentes comunidades linguísticas. Os socioletos são as variações que se relacionam com grupos sociais específicos. Eles mostram como fatores como idade, gênero escolarização região geográfica e pertencimento à comunidade surda influenciam essas variações (Bagno, 2007).

No contexto da comunidade surda brasileira essas variações são intensificadas por aspectos históricos e educacionais. Durante muito tempo a educação dos surdos foi marcada por práticas oralistas que restringiam o uso da língua de sinais o que impactou diretamente na transmissão intergeracional da Libras (Skliar, 1998). Como consequência muitos sujeitos surdos tiveram acesso tardio à língua resultando em repertórios linguísticos heterogêneos e em diferentes graus de fluência. Essa diversidade contribui para a constituição dos idioletos marcadamente distintos bem como para formação dos socioletos específicos dentro da comunidade.

Além disso Libras tem uma forte tendência à variação regional porque diferentes comunidades surdas criam sinais próprios para certos conceitos. Essa variação regional mostra que a língua é descentralizada e se adapta às realidades locais reforçando a ideia de que não existe

uma única forma “*correta*” de sinalizar, mas sim várias possibilidades legitimadas pelo uso social (Quadros; Karnopp 2004).

Outro ponto importante no estudo das mudanças na Libras é a questão da criação de novas palavras. Por causa das mudanças na sociedade, na tecnologia e na cultura, novas formas de se comunicar aparecem o tempo todo, pedindo a criação ou mudança de sinais. A criação de novas palavras, nesse caso, é um jeito muito importante para aumentar o vocabulário da língua, deixando que ideias novas entrem de forma útil e com sentido (Crystal, 2000). No caso da Libras, a criação de novas palavras pode acontecer por diferentes caminhos como a semelhança com a coisa que representa, a junção de sinais, a formação de novos sinais e o uso de palavras do português. Esses processos mostram como as pessoas são criativas com a língua e como ela consegue se adaptar às mudanças na sociedade. Além disso, o uso de novos sinais está diretamente ligado à interação entre os membros da comunidade surda sendo muitas vezes mediado por escolas associações e mais recentemente pelas redes sociais digitais.

Assim sendo, o estudo das mudanças na Libras usando as ideias de idioletos socioletos e inovação lexical ajuda a entender melhor a língua em seu lado social e histórico fugindo de visões normais e regras rígidas. Essa maneira ajuda não só no progresso dos estudos sobre línguas, mas também no fortalecimento das práticas educacionais inclusivas que reconhecem e valorizam a diversidade linguística da comunidade surda (Skliar, 1998).

2 Referencial teórico

2.1 Idioletos e socioletos na Libras

A análise dos idioletos e socioletos na Língua Brasileira de Sinais (Libras) demanda a articulação entre pressupostos da Sociolinguística variacionista e das pesquisas específicas sobre línguas de sinais. Nessa perspectiva, parte-se do princípio de que toda língua natural é intrinsecamente heterogênea e que tal heterogeneidade não constitui desvio, mas sim característica estruturante do sistema linguístico (Labov, 2008). Assim, ao se considerar a Libras, torna-se imprescindível reconhecer que as variações individuais e coletivas são elementos constitutivos da língua, refletindo trajetórias sociais, históricas e culturais dos sujeitos surdos.

Os idioletos, entendidos como o conjunto de características linguísticas particulares de um indivíduo, manifestam-se na Libras por meio de variações nos parâmetros fonológicos — configuração de mão, movimento, ponto de articulação, orientação e expressões não manuais — bem como em escolhas lexicais e estratégias discursivas. Tais variações são influenciadas por fatores como idade de aquisição da língua, grau de exposição à comunidade surda, escolarização e experiências comunicativas ao longo da vida (Quadros; Karnopp, 2004, p. 47).

No caso específico da população surda brasileira, a constituição dos idioletos é fortemente marcada pelas condições de acesso à língua. Muitos indivíduos surdos, especialmente em contextos educacionais historicamente pautados pelo oralismo, tiveram contato tardio com a

Libras, o que impacta diretamente sua fluência e repertório linguístico. Conforme aponta Skliar (1998, p. 89), a privação linguística inicial pode resultar em formas idiossincráticas de uso da língua, que não devem ser interpretadas como déficits, mas como manifestações legítimas de trajetórias linguísticas singulares.

Nesse sentido, os idioletos na Libras não apenas evidenciam a individualidade linguística, mas também revelam as desigualdades de acesso à língua e à educação. A variação individual pode incluir simplificações de sinais, alterações na execução de movimentos ou preferências por determinados sinais em detrimento de outros, sem que isso comprometa a inteligibilidade dentro de determinados contextos comunicativos.

Paralelamente, os socioletos correspondem às variações linguísticas associadas a grupos sociais específicos, sendo condicionados por fatores como faixa etária, gênero, nível de escolarização, pertencimento a determinadas comunidades e localização geográfica (BAGNO, 2007, p. 36). Na Libras, os socioletos manifestam-se de maneira bastante evidente, sobretudo em razão da organização das comunidades surdas em redes sociais relativamente delimitadas, como escolas bilíngues, associações de surdos e espaços culturais próprios.

A variação socioletal na Libras pode ser observada, por exemplo, nas diferenças entre gerações de surdos. Indivíduos mais jovens, frequentemente mais expostos às tecnologias digitais e às redes sociais, tendem a incorporar novos sinais e formas de expressão, enquanto gerações mais antigas podem manter usos mais conservadores. Além disso, o contato com diferentes modalidades de ensino — oralista, comunicação total ou bilinguismo — também influencia significativamente a constituição dos socioletos (Quadros; Karnopp, 2004, p. 62).

Outro aspecto relevante refere-se à variação regional, que configura um tipo específico de socioleto. Diferentes regiões do Brasil apresentam sinais distintos para um mesmo conceito, o que evidencia a diversidade interna da Libras. Essa variação regional não compromete a unidade da língua, mas, ao contrário, reforça seu caráter dinâmico e adaptativo. Conforme destaca Crystal (2000, p. 341), a variação regional é um fenômeno universal nas línguas naturais e deve ser compreendida como expressão da vitalidade linguística.

Ademais, os socioletos na Libras também podem estar associados a identidades culturais e políticas da comunidade surda. O uso de determinados sinais pode funcionar como marcador de pertencimento a grupos específicos, contribuindo para a construção de identidades coletivas. Nesse contexto, a língua de sinais não é apenas um meio de comunicação, mas também um elemento central na constituição da cultura surda (Skliar, 1998, p. 54).

A esse respeito, destaca-se a seguinte reflexão:

A língua de sinais, longe de ser um sistema homogêneo e fixo, constitui-se como um espaço de negociação constante de significados, no qual os sujeitos surdos constroem e reconstruem suas identidades linguísticas e culturais. As variações observadas não representam desvios, mas sim a expressão legítima da diversidade e da historicidade da comunidade surda (Skliar, 1998, p. 102).

A variação linguística na Libras deve ser compreendida à luz de uma perspectiva sociocultural, que reconhece a língua como prática social. Dessa forma, tanto os idioletos quanto os socioletos não podem ser analisados isoladamente, mas sim em interação com os contextos nos quais emergem.

Por fim, cabe destacar que o reconhecimento das variações idioletais e socioletais na Libras possui implicações diretas para o campo educacional. Práticas pedagógicas que desconsideram essa diversidade tendem a reforçar concepções normativas e excludentes da língua. Em contrapartida, abordagens que valorizam a variação contribuem para a construção de uma educação bilíngue mais inclusiva e sensível às especificidades linguísticas dos sujeitos surdos (Bagno, 2007, p. 89).

Assim, a compreensão dos idioletos e socioletos na Libras revela-se fundamental para o avanço dos estudos linguísticos e para a promoção de políticas educacionais que respeitem e valorizem a pluralidade linguística da comunidade surda.

2.2 Inovação lexical na Libras

A inovação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui um dos aspectos mais relevantes para a compreensão de sua dinamicidade e vitalidade enquanto língua natural. Tal fenômeno refere-se à criação, adaptação ou ressignificação de sinais com o objetivo de atender às demandas comunicativas emergentes, especialmente em contextos marcados por transformações sociais, tecnológicas e culturais. Nesse sentido, a expansão do léxico na LIBRAS não ocorre de maneira aleatória, mas está diretamente vinculada às práticas sociais e às interações estabelecidas no interior da comunidade surda (Quadros; Karnopp, 2004, p. 75).

A inovação lexical pode ser compreendida como um processo inerente a todas as línguas naturais. Conforme Crystal (2000, p. 142), o léxico de uma língua está em constante transformação, sendo ampliado por meio da criação de novos termos, empréstimos linguísticos e mudanças semânticas. No caso das línguas de sinais, esses processos assumem características específicas, uma vez que envolvem recursos visuais e espaciais, além de uma forte relação com a iconicidade.

A iconicidade, entendida como a relação motivada entre forma e significado, desempenha papel central na criação de novos sinais na Libras. Muitos neologismos surgem a partir da representação visual de características do objeto ou conceito a ser nomeado, o que facilita sua compreensão e difusão na comunidade. No entanto, conforme ressaltam Quadros e Karnopp (2004, p. 83), nem todos os sinais são icônicos, e a arbitrariedade também está presente na língua, evidenciando sua complexidade estrutural.

Além da iconicidade, outros processos contribuem para a inovação lexical na Libras, tais como a composição de sinais, a derivação e os empréstimos linguísticos. A composição ocorre quando dois ou mais sinais são combinados para formar um novo significado, enquanto a derivação envolve modificações em parâmetros específicos do sinal original. Já os empréstimos

linguísticos, frequentemente oriundos do português, podem ser incorporados por meio da datilologia ou da adaptação de sinais existentes (Ferreira-Brito, 1995, p. 59).

No contexto contemporâneo, marcado pela intensificação das tecnologias digitais, observa-se uma aceleração significativa dos processos de inovação lexical na Libras. Termos relacionados a redes sociais, aplicativos e dispositivos tecnológicos demandam a criação constante de novos sinais. Essa dinâmica evidencia a capacidade adaptativa da língua e sua adequação às necessidades comunicativas dos usuários (Crystal, 2000, p. 278).

Nesse sentido, a difusão de novos sinais está diretamente relacionada às redes de interação da comunidade surda. Ambientes como escolas bilíngues, associações de surdos e plataformas digitais desempenham papel fundamental na circulação e legitimação de inovações lexicais. Conforme Bagno (2007, p. 112), a aceitação de uma inovação linguística depende de fatores sociais, sendo o uso coletivo o principal critério de validação.

A esse respeito, observa-se que:

As inovações lexicais não se consolidam apenas por sua funcionalidade, mas sobretudo por sua aceitação social. No caso das línguas de sinais, a circulação dos novos sinais em espaços comunitários e educacionais é determinante para sua estabilização, evidenciando o papel central da comunidade surda na construção e manutenção da língua (Quadros; Karnopp, 2004, p. 91).

A ideia de que a inovação lexical na LIBRAS deve ser analisada a partir de uma perspectiva sociolinguística, na qual os sujeitos desempenham papel ativo na construção da língua. Nesse sentido, a criação de novos sinais não é um processo individual isolado, mas sim um fenômeno coletivo, mediado por práticas sociais e culturais.

Além disso, a literatura aponta que a inovação lexical pode estar associada à afirmação identitária da comunidade surda. Segundo Skliar (1998, p. 67), a língua de sinais constitui um elemento central na construção da identidade surda, sendo a criação de novos sinais uma forma de resistência cultural e de afirmação linguística. Nessa perspectiva, a inovação lexical ultrapassa o âmbito linguístico, assumindo dimensões políticas e sociais.

Em relação às tipologias de citação, é possível observar diferentes formas de incorporação do discurso teórico. A citação direta, por exemplo, permite a reprodução literal das palavras do autor, como demonstrado anteriormente. Já a citação indireta envolve a paráfrase das ideias, mantendo-se a referência ao autor (Bagno, 2007, p. 45). Por sua vez, a citação de citação, ou apud, ocorre quando um autor é citado por outro, como no exemplo a seguir: segundo Labov (1972 apud Bagno, 2007, p. 38), a variação linguística é sistemática e socialmente condicionada.

A utilização dessas diferentes formas de citação contribui para a construção do rigor acadêmico e para o diálogo com a produção científica existente. No caso dos estudos sobre a Libras, esse diálogo é fundamental para consolidar o campo e ampliar a compreensão sobre os processos de variação e mudança linguística.

Dessa forma, a inovação lexical na Libras evidencia a natureza dinâmica e adaptativa da língua, demonstrando que seu desenvolvimento está intrinsecamente ligado às transformações sociais e às práticas culturais da comunidade surda. A análise desse fenômeno, portanto, revela-se essencial para o avanço dos estudos linguísticos e para a valorização da diversidade linguística.

2.3 Variação linguística, identidade e práticas sociais na Libras

A compreensão da variação linguística na Língua Brasileira de Sinais (Libras) demanda a articulação entre dimensões identitárias e práticas sociais, uma vez que a língua se constitui e se transforma no interior de interações situadas historicamente. Sob a perspectiva da Sociolinguística, a língua é entendida como prática social, sendo moldada por fatores extralinguísticos que incluem pertencimento grupal, trajetórias educacionais, redes de interação e contextos institucionais (Labov, 2008, p. 215). No caso da Libras, tais fatores assumem centralidade, pois a língua está intrinsecamente vinculada à experiência visual e à cultura surda.

A identidade surda, nesse contexto, não é uma condição fixa, mas um processo em constante construção, mediado pela língua de sinais e pelas práticas culturais compartilhadas. Conforme Skliar (1998, p. 47), a língua de sinais constitui o principal elemento de coesão da comunidade surda, sendo responsável por sustentar formas específicas de interação e produção de sentidos. Assim, a variação linguística na Libras deve ser compreendida como expressão legítima das múltiplas identidades presentes na comunidade.

A literatura evidencia que diferentes práticas sociais produzem diferentes formas de uso da língua. Em ambientes educacionais bilíngues, por exemplo, observa-se maior padronização de determinados sinais, enquanto em contextos comunitários informais há maior liberdade para variações e inovações (Quadros; Karnopp, 2004, p. 101). Essa tensão entre normatização e uso espontâneo revela a complexidade da língua e a necessidade de abordagens que considerem a diversidade como elemento constitutivo.

Nesse sentido, Hymes (1974, p. 51) argumenta que a competência comunicativa envolve não apenas o conhecimento das regras linguísticas, mas também a capacidade de utilizar a língua de forma adequada aos contextos sociais. Aplicado à Libras, esse conceito implica reconhecer que diferentes formas de sinalização podem ser apropriadas em diferentes situações, sem que haja hierarquização entre elas.

A esse respeito, destaca-se a seguinte:

A língua não pode ser compreendida fora das práticas sociais que a constituem. Cada ato de linguagem é, ao mesmo tempo, um ato social, no qual se manifestam identidades, relações de poder e formas de pertencimento. No caso das línguas de sinais, essa dimensão é ainda mais evidente, pois a língua está diretamente ligada à experiência cultural de um grupo historicamente marginalizado (Skliar, 1998, p. 72).

A variação linguística não deve ser interpretada como desvio, mas como manifestação das práticas sociais e identidades dos sujeitos. Nesse sentido, Bagno (2007, p. 97) afirma, em citação indireta, que a diversidade linguística é inerente às línguas naturais e reflete a pluralidade social dos seus falantes.

Ademais, a relação entre variação e identidade pode ser observada na utilização de determinados sinais como marcadores de pertencimento. Grupos específicos da comunidade surda — como jovens, usuários de redes sociais ou membros de determinadas instituições — podem adotar formas linguísticas próprias, reforçando identidades coletivas (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 89).

No que se refere à citação de citação (apud), destaca-se que, segundo Labov (1972 apud Bagno, 2007, p. 38), a variação linguística é sistemática e condicionada por fatores sociais, sendo possível identificar padrões regulares no uso da língua. Essa perspectiva é fundamental para a análise da Libras, pois permite compreender a variação como fenômeno estruturado.

A seguir, apresentam-se quadros que sintetizam aspectos relevantes da relação entre variação linguística, identidade e práticas sociais na Libras:

Quadro 1 – Fatores sociais que influenciam a variação na Libras

FATOR SOCIAL	INFLUÊNCIA NA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
Idade	Diferenças geracionais no uso de sinais
Escolarização	Maior ou menor padronização linguística
Região geográfica	Variações regionais de sinais
Comunidade de prática	Uso específico em grupos sociais
Acesso à língua	Impacto na fluência e no repertório

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Quadros e Karnopp (2004).

Quadro 2 – Relação entre práticas sociais e identidade linguística na Libras

Prática social	Impacto na identidade linguística
Educação bilíngue	Fortalecimento da identidade surda
Uso em redes sociais	Criação de novos sinais e estilos
Participação comunitária	Consolidação de socioletos
Contextos familiares	Variações idioletais
Espaços institucionais	Tendência à normatização

Fonte: Elaborado pelo autor com em Bortoni-Ricardo (2004).

Por fim, destaca-se outra a discussão:

Reconhecer a variação linguística implica reconhecer a legitimidade das diferentes formas de expressão de uma língua. No contexto da LIBRAS, isso significa valorizar as múltiplas identidades e práticas sociais que constituem a comunidade surda, evitando a imposição de modelos normativos que desconsiderem a diversidade (Bagno, 2007, p. 112).

Dessa forma, a análise da variação linguística na Libras, articulada às dimensões identitárias e às práticas sociais, contribui para uma compreensão mais ampla da língua e para o desenvolvimento de abordagens educacionais inclusivas e culturalmente sensíveis.

3 Considerações finais

A análise das dinâmicas de variação na Língua Brasileira de Sinais (Libras), com ênfase nos idioletos, socioletos, processos de inovação lexical e sua articulação com identidade e práticas sociais, evidencia a complexidade e a vitalidade dessa língua enquanto fenômeno sociocultural. Longe de constituir um sistema homogêneo, a Libras manifesta-se como um campo heterogêneo, no qual diferentes formas de uso coexistem, sendo condicionadas por fatores históricos, educacionais e interacionais.

Os idioletos demonstram que cada sujeito surdo constrói seu repertório linguístico a partir de experiências singulares, especialmente no que se refere ao acesso à língua e à inserção em comunidades de prática. Já os socioletos revelam a influência dos grupos sociais na configuração da língua, evidenciando que a variação não é apenas individual, mas também coletiva e socialmente estruturada (Labov, 2008).

A inovação lexical, por sua vez, confirma o caráter dinâmico da Libras, mostrando sua capacidade de adaptação frente às transformações tecnológicas e culturais. A criação e difusão de novos sinais demonstram que a língua está em constante processo de atualização, sendo moldada pelas necessidades comunicativas da comunidade surda (Crystal, 2000).

Além disso, a relação entre variação linguística, identidade e práticas sociais reforça que a Libras ultrapassa o estatuto de instrumento comunicativo, constituindo-se como elemento central na construção da identidade surda. Nesse sentido, reconhecer a diversidade linguística implica reconhecer a legitimidade das múltiplas formas de expressão existentes na comunidade (Skliar, 1998).

Os resultados desta discussão apontam práticas pedagógicas que valorizem a variação linguística, evitando abordagens normativas que possam excluir ou marginalizar determinadas formas de uso. A educação bilíngue, nesse contexto, deve assumir uma perspectiva inclusiva, sensível às especificidades linguísticas e culturais dos sujeitos surdos.

Por fim, destaca-se a necessidade de ampliação dos estudos sobre variação na Libras, especialmente no que se refere à articulação entre linguística, educação e estudos culturais. Investigações futuras poderão contribuir para o aprofundamento das análises e para o fortalecimento de políticas linguísticas e educacionais mais equitativas.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CRYSTAL, David. **Language death**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.